

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LETRAS**

**O GÊNERO DISCURSIVO CANÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO  
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**GOIÂNIA – GO**

**2021**

**THALLYS HENRIQUE SANTOS RIOS**

**O GÊNERO DISCURSIVO CANÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO  
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Návia Regina Ribeiro da Costa

**GOIÂNIA - GO**

**2021**

O GÊNERO DISCURSIVO CANÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO  
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras-Português.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

**Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Návia Regina Ribeiro da Costa/ Pontifícia**

**Universidade Católica de Goiás**

**Profa. Ma. Daura Maria Guimarães de Aguiar/ Pontifícia**

**Universidade Católica de Goiás**

A Deus e à minha família.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Francielly Lima, a meu irmão Henrique Manuel e a meus avós Ednair e José, a minha gratidão pelo esforço que fizeram para me dar a melhor educação, sempre acreditaram no meu potencial, incentivando-me a alcançar meus objetivos e mostrando a importância dos estudos;

a todos os meus familiares, que, independente de tudo, torceram para que eu chegasse aqui;

às minhas amigas Taynnara Cristina Lima Aguiar e Divina de Almeida Caixeta, amizades que a PUC me presenteou e que quero levar para o resto da vida;

às minhas amigas Brunna Reis e Larissa Ribeiro, que me acompanharam no Ensino Médio;

às minhas queridas professoras Oscalina Nascimento e Telma Loures, por quem tenho um imenso carinho e admiração;

à minha orientadora Návia Regina Ribeiro da Costa, que me ensinou, norteou e auxiliou em todo meu trabalho. Mesmo passando por um momento frágil em sua vida não poupou esforços para me auxiliar, serei eternamente grato por tudo;

à leitora da minha monografia, Daura Maria Guimarães de Aguiar;

à coordenadora do Curso de Letras-Português Helen Suely Amorin;

aos demais colegas que fiz ao longo desses quatro anos na Universidade;

aos leitores que se interessarem pelo assunto;

e, não por último, mas acima de tudo, ao meu Deus, por ter me conduzido em força e sabedoria para chegar até aqui.

“A língua não é um agente neutro que adentra livre e facilmente as intenções mais íntimas do falante; é povoado - superpovoado - pelas intenções dos outros”. (Mikhail Bakhtin)

"O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro". (Mikhail Bakhtin)

“O signo é ideológico”. (Mikhail Bakhtin)

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar para pensar, na verdade não há”. (Renato Russo)

## RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de compreender como o gênero discursivo canção pode ser um instrumento didático-pedagógico útil para o ensino da Língua Portuguesa, considerando-se tanto os aspectos formais quanto os discursivos, na formação de um usuário da língua crítico. Esta pesquisa se ancora no método dialético. Tem como principal referencial teórico os estudos de Mikhail Bakhtin e como foco o gênero discursivo canção, por ser um dos gêneros desenvolvidos dentro do campo artístico-literário, preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Gênero Discursivo. BNCC. Gênero discursivo canção.

## ABSTRACT

This work aims to understand how the song discursive genre can be a useful didactic-pedagogical tool for teaching the Portuguese language, considering both formal and discursive aspects, in the formation of a user of the critical language. This research is still in the dialectical method. This work has as its main theoretical reference the studies of Mikhail Bakhtin. This research focuses on the discursive genre song, because it is one of the genres developed within the artistic-literary field, advocated by the National Common Curricular Base (BNCC), with regard to the teaching of Portuguese Language.

**Key words:** Discursive Genre. BNCC. Discursive genre song

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 CAPÍTULO I: GÊNERO DISCURSIVO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA.....</b>	<b>12</b>
1.1 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO DO DISCURSO.....	17
<b>2 CAPÍTULO II: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE A BNCC.....</b>	<b>20</b>
<b>3 CAPÍTULO III: ANÁLISE DO GÊNERO CANÇÃO: ASPECTOS FORMAIS E DISCURSIVOS.....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem a finalidade de compreender como o gênero discursivo canção pode ser um instrumento didático-pedagógico útil para o ensino da Língua Portuguesa, considerando-se tanto os aspectos formais quanto os discursivos, na formação de um usuário da língua crítico.

Embora possam já existir pesquisas que abordem este tema, este estudo se justifica em razão de olhar o ensino do gênero não na perspectiva somente da estrutura que o compõe, estudando tema, estilo e construção composicional, mas como instrumento de comunicação humana efetiva. Desse modo, o gênero canção é interessante de se estudar, por ser algo que faz parte da vida cotidiana dos usuários da língua e fonte de muitas ideologias.

Esta pesquisa se ancora no método dialético, pois, segundo Almeida (2007), considera não o produto, mas o processo e porque vê as coisas em constante mudança, que não podem ser consideradas fora de um contexto social, sendo que as contradições vão transcender e vão requerer uma transformação. Como tipo, este estudo se classifica como descritivo, pois, segundo o mesmo autor, visa a expor os fatos, sem ter o compromisso de explicar o porquê de se darem como se dão. Quanto ao meio de investigação, esta pesquisa se qualifica como bibliográfica, na medida que tem como fonte de análise letras de músicas e referencial teórico materializado em livros, artigos, sites científicos etc.

Este trabalho tem como principal referencial teórico os estudos de Mikhail Bakhtin. A teoria de Bakhtin, para a linguística, é bastante ampla e pode ser vista no número considerável de conceitos formulados por ele e os demais pensadores, formando o chamado círculo de Bakhtin. Além de obras do referido pensador, serão utilizadas outras de seus comentadores, a exemplo de Marcuschi (2006), Fiorin (2006), entre outros. Para tanto, o principal fundamento são as teorias relacionadas ao gênero discursivo. Nesse contexto, além dos conceitos sobre gêneros discursivos, há outros também necessários para esta pesquisa: dialogismo, enunciado, polifonia, tema e significado, interação verbal.

No tocante a gênero discursivo, esta pesquisa tem como foco o gênero discursivo canção, por ser um dos gêneros desenvolvidos dentro do campo artístico-literário, preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa.

Desse modo, um segundo fundamento importante é a BNCC, como documento que orienta o currículo para ser desenvolvido desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Especificamente para esta investigação, importa o que dispõe a BNCC para os anos finais do Ensino Fundamental naquilo que toca ao ensino de Língua Portuguesa, elencado dentro do campo das linguagens.

Para tanto, este trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo visa a apresentar o gênero discurso na perspectiva bakhtiniana, que vai dizer que a competência dos interlocutores auxilia no que é ou não aceitável em determinada prática social, sugerindo que quanto mais experiente for o sujeito, mais hábil será na diferenciação dos gêneros e no reconhecimento do sentido e da estrutura que o compõe.

No segundo capítulo, será trabalhado o documento que orienta o currículo escolar, a BNCC, trazendo as áreas que abrange a Língua Portuguesa e qual o papel do professor de Língua Portuguesa na sala de aula.

O terceiro capítulo vai trazer a análise de uma música apontando aspectos importantes para o ensino de Língua Portuguesa.

Após esse percurso, passa-se às considerações finais.

## **CAPÍTULO I**

## 1 O GÊNERO DISCURSIVO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Este capítulo tem o objetivo de discutir sobre o gênero discursivo na perspectiva Bakhtiniana. As principais obras que serão suporte para esta fundamentação são BAKHTIN (1999), BAKHTIN, (2003), BAKHTIN, (2011), FIORIN, (1990), FIORIN, (2006) e MARCUSCHI. (2006).

Mikhail Bakhtin, no conjunto de sua obra, produziu muitos conceitos e contribuições relevantes para a linguagem humana, configurando-se como uma das figuras centrais para as pesquisas no campo da análise do discurso, isso porque a concepção de linguagem desenvolvida por Bakhtin parte de crítica às linhas linguísticas estruturalistas. Um dos principais conceitos que torneiam as escritas de Bakhtin é o dialogismo. Segundo o autor russo, o dialogismo é uma das formas composicionais do discurso, na qual as relações são estabelecidas entre diferentes enunciados e a construção do sentido é partilhada por distintas vozes. As relações dialógicas florescem entre categorias lógicas e alcançam toda espécie de enunciado na comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011).

Desse modo tem se que

[...] Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem sobre o outro, no confronto dos sentidos, revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.) (BAKHTIN, 2011, p.33).

Pode se ver que o discurso tem uma natureza dinâmica, onde todos os enunciados estabelecem relação com outros enunciados, influenciando e sendo influenciado por outras produções discursivas; em suma, há no dialogismo a mistura de múltiplas vozes no discurso. Assim, o dialogismo se revela como uma constante troca com o outro, na qual o enunciado é apenas um elo na cadeia infinita dos enunciados, um ponto de encontro entre visões e mundos. Segundo Bakhtin (2011, p. 410), “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado com limites e ao futuro sem limites). [...] os sentidos irão sempre mudar no processo de um desenvolvimento subsequente”. Nesse contexto, a relação dialógica é inerente à própria vida humana.

O dialogismo é um percurso de construção coletiva de sentido. As relações dialógicas podem ser percebidas como índices sociais de valor que necessitam para sua consecução de materiais linguísticos ou signos que tenham adentrado à esfera do discurso, tenham sido convertidos em enunciado fixados na posição de um sujeito social, assegurando relações e sentidos que permitam a formulação de respostas (BAKHTIN, 2011).

O dialogismo está presente nas relações sociais do cotidiano, por exemplo em filmes, canções e diversas outras formas de expressão escrita e audiovisual. É o fundamento de toda linguagem, deve ser entendido como a condição do sentido do discurso. É importante ressaltar que o conceito de dialogismo em Bakhtin não está relacionado à ideia de um diálogo face a face, mas sim entre os discursos já que o interlocutor só existe enquanto discurso (BAKHTIN, 2011).

O autor ainda se refere à polifonia, como a presença de diversas vozes que conversam entre si no mesmo texto para produzir sentido. Nessa medida, o discurso nunca vai ser neutro, ele é um espelho para o enunciador ou para o locutor e reflete para as vozes sociais o pensamento de determinado grupo social ou instituição (BAKHTIN, 2011).

Com base nos discursos cotidianos, artísticos, científicos, institucionais, Bakhtin (2003) traz a noção de língua como um constante processo de interação mediada pelo diálogo. E para isso ele traz aqui para a língua as noções de ideologia, a luta de classes e contexto social.

Para ele, a língua só existe pelo uso que fazemos dela em situações formais e informais de comunicação. Dessa forma, a relação entre locutor e interlocutor é caracterizada como dialógica, em um processo de interação que é mediado pela linguagem e que ocorre em contextos específicos, nos quais os participantes se encontram em condição de igualdade.

Bakhtin (2011) inova com a noção de gêneros, ao propor que eles devem ser classificados conforme o seu uso interacional, ou seja, de acordo com o uso da linguagem. A partir disso, o autor divide os gêneros em dois tipos distintos: o gênero primário e o gênero secundário. O gênero primário é mais informal e não precisa de uma elaboração prévia, é espontâneo e faz parte do uso da linguagem cotidiana. Já o gênero secundário requer uma elaboração prévia, uma parte mais intelectualmente desenvolvida, ele é mais utilizado em romances, artigos científicos, entre outros que

precisam de uma organização para que possam construir esse tipo de gênero secundário.

Quando se fala em gênero do discurso, Bakhtin é um dos autores mais citados. Bakhtin (2003) expressa que os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio e historicamente. O autor diz que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003), quase do mesmo jeito que nos é dada a língua materna, que dominamos perfeitamente até começamos os estudos sobre a gramática.

Para Bakhtin (2003), a linguagem manifesta-se na forma de enunciados que refletem seus propósitos e as condições específicas das diferentes esferas da atividade humana (familiar, jornalística, artística, profissional) onde são produzidos. Os enunciados realizam-se nessas esferas, das mais privadas às mais públicas, e organizam-se em tipos relativamente estáveis, chamados de gêneros do discurso.

Assim, pode-se entender que os gêneros discursivos são fenômenos sociais dotados de imensa riqueza e de grande diversidade e eles não podem ser contados quantitativamente, pois eles se transformam, se diferenciam, se ampliam conforme o tempo e o uso que os falantes fazem daquela língua e de acordo com a necessidade deles. Ainda, Bakhtin (2003), quando aborda a questão dos gêneros do discurso, chama a atenção para a dificuldade de se conceituar os gêneros, visto que as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, provocando sua diversidade de usos e, concluindo, na diversidade de gêneros. Para ele,

A riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Para Fiorin (2006), os gêneros são meios de apreender a realidade. Compreende que esses novos modos de ver e conceituar implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Nessa reflexão, Fiorin (2006) deixa expressar o que Bakhtin (2003) chama de “tipos relativamente estáveis”.

Os estudos de gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana entendem que a língua não prioriza nenhuma instância e que a análise desta deve se efetuar tendo em vista os níveis linguístico-enunciativo-discursivo, os quais comportam de forma indissociável o enunciado concreto.

Bakhtin (2003, p. 302) nos lembra que “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. Assim, entende-se que o gênero é um instrumento que utilizamos para nos comunicar. São de números infinitos e circulam em esferas sociais específicas.

Marcuschi (2006) observa que, em Aristóteles, os gêneros já possuíam três categorias, passando posteriormente a servir de classificação para doze categorias literárias. Atualmente, as categorias de gênero se ampliaram muito, contudo a sua origem refere-se a um tempo distante. Essas ideias são revividas por Bakhtin (2004) na obra *Estética da Criação Verbal*, na qual a concepção de gênero é a de que é um enunciado de natureza sociointeracional, ideológica e linguística “relativamente estável”.

Marcuschi (2006) traz a ideia de que, apesar da “liberdade de criação”, os gêneros impõem certa regularidade, limitando muitas vezes nossa ação na escrita, padronizando-a de acordo com o gênero escolhido. Porém, torna-se um campo aberto permitindo a criatividade, renovando e multiplicando de acordo com o meio de interação social do sujeito.

Para Marcuschi (2006, p.30),

A circulação dos gêneros textuais na sociedade é um dos aspectos mais fascinantes, pois como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos [...] os gêneros são a manifestação mais visível desse funcionamento que eles ajudam a constituir, envolvendo crucialmente a linguagem, atividades enunciativas, intenções e outros aspectos.

Os discursos podem ser classificados a partir de vários critérios estabelecidos com base em mecanismos de produção do sentido.

Por um lado, o gênero é um objeto construído por uma abstração generalizante. Os textos são objetos empíricos, representantes impuros deste ou daquele gênero. Tal texto tem tais e tais

características de um gênero, mas não tem outras, e assim por diante. Por outro, o gênero não depende de apenas um dos tipos acima sugeridos, mas constitui uma constelação de propriedades específicas, os tipologemas (FIORIN, 1990, p. 97).

Segundo Fiorin (1990), as tipologias elaboradas até hoje não são finas o suficiente para apreender os vários tipos de discursos que circulam em uma dada formação social, porque foram estabelecidas com base em um único parâmetro. Assim, não é possível caracterizar um gênero por apenas um traço recorrente nas narrativas, pois esse mesmo traço pode estar presente em outras produções de sentido também. Isso é ainda mais claro quando esse traço recorrente diz respeito ao efeito de sentido provocado pelo texto, pois diferentes textos podem provocar efeitos de sentido semelhantes, o que impede a possibilidade de classificar um gênero por apenas um traço recorrente em todos eles.

A partir da perspectiva da teoria dos gêneros e das esferas sociais como constitutivas destes, Fiorin (2006) afirma que uma tipologia baseada nos tipos do discurso não pretende constituir uma norma, mas, pelo contrário, quer mostrar quais mecanismos sociais, como o científico, o político, o religioso etc. os constituem. Assim, é notório o fato de que a definição dos gêneros ainda é problemática para as teorias do discurso. Isso constitui um motivo a mais pelo qual se justifica a escolha pelo termo “configuração discursiva” ao agruparmos textos formal e tematicamente semelhantes.

Voltando ao enunciado, segundo Bakhtin (2011), este é entendido como substância dos gêneros discursivos, é a unidade mínima da comunicação discursiva, entendimento que substitui teorias anteriores, que afirmavam ser a palavra a unidade de medida do processo comunicativo. O enunciado é um acontecimento e um evento único, irrepetível no processo comunicativo, sendo que ele nasce na interrelação entre discursos coletivos. O enunciado não é nem o início nem o fim desse processo, uma vez que ele possibilita que enunciados posteriores se construam a partir dele. Dessa forma, a língua é o que dá substância ao diálogo, num processo dialógico em que um indivíduo troca com o outro constantes enunciados, criando assim um discurso. A língua só existe em função do uso que os locutores e interlocutores fazem dela em situação de comunicação (BAKHTIN, 2003).

O enunciado pode tanto ser falado (oral) quanto escrito, ele é a unidade real do discurso, e existe na interatividade entre sujeitos falantes. O receptor não é um

ser passivo, ao contrário, ao ouvir e compreender um enunciado, adota para consigo uma atitude responsiva, quer dizer, ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim atuar de forma ativa no ato enunciativo. Aliás, o locutor não deseja uma reação passiva, mas um retorno, uma vez que age no sentido de provocar uma resposta, atua sobre o outro buscando convencê-lo, influenciá-lo. Bakhtin (2003) considera o enunciado resultante de uma memória discursiva, repleta de enunciados que já foram pronunciados em outros tempos, outras situações ou simplesmente para formar um discurso.

### 1.1 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO DO DISCURSO

Segundo Bakhtin (2003), o enunciado e, conseqüentemente, seus tipos relativamente estáveis, os gêneros do discurso, possuem três elementos constitutivos que são indissolúveis: o estilo, a construção composicional e o conteúdo temático, os quais são diretamente relacionados às especificidades de cada esfera da atividade humana. Para o autor, o estilo está ligado à possibilidade de individualização do enunciado através da seleção de recursos linguísticos (lexicais, fraseológicos e gramaticais) pelo falante, tendo em mente um dado contexto de produção e determinado(s) interlocutor(es). Já a construção composicional, considerada pelo pensador russo como o elemento que mais reflete as condições específicas e as finalidades das diferentes esferas da atividade humana, relaciona-se com a maneira de organizar, estruturar o enunciado e é determinada pelo projeto enunciativo do locutor. Por fim, o conteúdo temático pode ser entendido como “o domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (FIORIN, 2006, p. 62). Assim, torna-se evidente que a particularidade de cada enunciado individual está relacionada diretamente com esses três elementos, indissolúveis na sua formação, com o seu contexto de produção e com o(s) seu(s) interlocutor(es).

No que se refere aos processos de enunciação, entendida como o fruto da interação social entre distintos sujeitos, Bakhtin (1999) faz uma distinção entre tema e significação. Aponta que não é fácil a distinção, mas, “[...] para constituir uma ciência sólida da significação, é importante distinguir bem entre o tema e a significação e compreender bem a sua inter-relação [...]” (BAKHTIN, 1999, p.131).

[...] a significação pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo. É claro que se abstrairmos por completo essa relação com o todo (isto é, com a enunciação), perderemos a significação. É por isso que não se pode traçar uma fronteira clara entre o tema e a significação (BAKHTIN, 1999, p. 131).

Para Bakhtin (1999), é impossível um sentido único, preciso e definido para um determinado signo, uma vez que, para ele, os sentidos dos signos não são passivos, ou seja, não estão dados, pois dependem e concretizam-se na interação verbal.

Bakhtin (1999) diz que a cada nova situação de comunicação, essa significação também se renova, tornando-se única para aquela situação de interação e não outra, assim, para entrar no tema entra em jogo todos os elementos que participam da situação extraverbal da interação. Portanto, o tema da enunciação não é determinado somente pelas formas linguísticas, mas, também, pelos elementos não verbais da situação.

Bakhtin (2003) usa muito o conceito de oração e palavra que são unidades da língua. A palavra, assim como a oração simples, não precisa de um ato comunicativo, ela possui uma conclusão abstrata. De outro modo, segundo ele, quando olhamos uma flor e dizemos: -lindo!, estamos dando sentido à palavra, tornando-a um enunciado concreto (BAKHTIN, 2003).

O autor ainda afirma que escolhemos a palavra de acordo com o gênero discursivo escolhido no momento. Já que o gênero é uma forma típica do enunciado, no gênero a palavra vai incorporar essa tipicidade. O autor considera que a palavra não é dotada apenas de expressão típica, mas também de expressão individual, já que nos comunicamos por meio de enunciações individuais. E que as palavras são incorporadas ao nosso discurso a partir de enunciados de outras pessoas. “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2003 p. 295).

De modo muito superficial, as principais noções da teoria bakhtiniana foram trazidas para subsidiar nossa reflexão sobre o uso do gênero discursivo canção no ensino de Língua Portuguesa orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental, anos finais, sobre o que se passará, no próximo capítulo, a discutir.

## **CAPÍTULO II**

## **2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE A BNCC**

Este capítulo tem o objetivo de discutir sobre o ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, com fundamento no que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

BNCC é a abreviação de Base Nacional Comum Curricular, homologada em 22 de dezembro de 2017, pela Resolução CNE/CP nº 2 do Conselho Nacional de Educação. A BNCC é uma lei, ou seja, tem um caráter obrigatório. Todos os currículos escolares devem ser embasados na Base, que visa à aprendizagem essencial que todos os alunos do Brasil deverão adquirir ao longo de sua trajetória.

Nesse sentido, é um documento normativo, que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas nas escolas brasileiras (públicas e privadas), visando a uma compreensão de todo desenvolvimento que o estudante deve ter, desde a Educação Infantil, passando pelos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, até o Ensino Médio.

A BNCC é composta por textos introdutórios, seguidos de dez competências, que deverão ser trabalhadas ao longo desse processo. Observando-a a partir do ensino fundamental, ela se organiza em Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio. Os Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental têm a mesma estrutura, trazendo as áreas do conhecimento, que são Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. Cada área tem uma competência específica a ser trabalhada no geral, sendo que cada área traz seus componentes específicos.

Este trabalho focaliza o que dispõe a BNCC para os anos finais do Ensino Fundamental e este capítulo tem como objetivo explorar os conhecimentos específicos da área das Linguagens, enfatizando a área de Língua Portuguesa. Há cinco campos de atuação da Língua Portuguesa e esses campos estão divididos nas nove séries da educação do ensino fundamental, tratados, como Anos Iniciais, do 1º ao 5º ano e, Anos Finais, do 6º ao 9º ano.

A BNCC tem um papel importantíssimo na prática de formação de professores, na medida em que propõe que os conteúdos cheguem à sala de aula vinculados a

contextos reais. Os professores devem exercitar a transposição didática, ou seja, observar as realidades em que o aluno está inserido e transpor para uma linguagem pedagógica científica, considerando a faixa etária, o conteúdo e os seus componentes curriculares. Tal ação se constitui um grande desafio, já que o professor deve ter muito estudo e fazer uma revisão em sua prática pedagógica (AGUIAR; DOURADO, 2020).

Como dito, o componente curricular na Língua Portuguesa encontra-se dentro da área do conhecimento das Linguagens. A língua Portuguesa na BNCC desenvolve-se a partir da perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem: assume o texto como unidade de trabalho, sempre relacionado ao contexto de produção e ao desenvolvimento de habilidades voltadas para o uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escrita e produção textual para diferentes finalidades (AGUIAR; DOURADO, 2020).

Os Anos Finais do Ensino Fundamental desafiam a sistematizar todas as progressões e habilidades que a Base traz, sistematizá-las, aprofundá-las e consolidá-las até o final do nono ano. E a área de Linguagens, foco desta pesquisa, é composta por quatro áreas: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua inglesa. A área possui seis competências específicas, que se relacionam com as dez competências gerais da BNCC, que são conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania. Uma das competências específicas desta área de linguagens que toca diretamente o interesse desta pesquisa é

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BRASIL, 2021, p. 67).

Essa competência específica da área de linguagem tem relação com a competência geral número quatro da BNCC, que diz respeito a

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (BRASIL, 2021, p. 67).

Hoje, os estudantes convivem diariamente com as tecnologias digitais. A escola precisa se munir dessas tecnologias e disponibilizá-las para que os estudantes recorram a elas, além de orientar esses aprendizes para que o uso das tecnologias digitais seja feito de forma crítica, significativa, reflexiva e ética. Isso é o que define esta outra competência específica da área de linguagem, que preconiza que o estudante tem de

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2021, p. 67).

Os estudantes não devem ser apenas consumidores das tecnologias digitais, precisam ser capazes de exercer o protagonismo e a autoria na vida pessoal e coletiva. Ou seja, produzir tecnologia e mídia:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2021, p. 11).

No que se refere ao ensino da Língua Portuguesa, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2021), observa-se que ele vem sofrendo inúmeras mudanças significativas no cenário educacional brasileiro. A BNCC traz uma série de referências sobre como o ensino nas áreas do conhecimento se dará durante os próximos anos. Cada área possui sua especificidade, mas a área de linguagens é considerada a mais extensa e com mais especificidades.

A Língua Portuguesa possui diferentes campos de atuação que possuem práticas de linguagem. Os campos de atuação dialogam com uma intenção de melhorar a percepção do aluno referente ao ensino da Língua Portuguesa, o que já vem acontecendo há alguns anos.

Os campos de ação da Língua Portuguesa norteiam o ensino da língua materna em todos os anos. Ou seja, todas as práticas de linguagem: oralidade, leitura e escuta, escrita e semiótica, vão ocorrer em todos os campos de atuação. Logo, pode-se

considerar os campos de atuação como um campo muito extenso, pois é através dos campos de atuação que o ensino de Língua Portuguesa vai ser guiado.

Dos campos citados, este trabalho tem como delimitação o campo artístico-literário, que, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2021, p. 158), compreende o seguinte:

**CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO** – O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruirlas de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica, por meio: - da compreensão das finalidades, das práticas e dos interesses que movem a esfera artística e a esfera literária, bem como das linguagens e mídias que dão forma e sustentação às suas manifestações; - da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade; - do desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, que circulam nas esferas literária e artística. Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores (BRASIL, 2021, p.158).

Como já mencionado, a BNCC se constitui sobre a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem e este campo confirma tal perspectiva, na medida em que o uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escrita e produção textual para diferentes finalidades se materializa, dentro deste campo, em diferentes gêneros discursivos, a exemplo de contos, crônicas do cotidiano, músicas etc.

Esse é o campo de interesse desta pesquisa, porque o que se objetiva é pensar como o gênero discursivo canção favorece o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

No campo artístico-literário, o aluno tem que ter contato com textos artísticos, entender a especificidade de cada texto, a maneira como o texto se comunica. De certa forma, o campo artístico-literário trabalha muito com conceitos históricos (ele tem a função de levar o estudante a fazer uma leitura de diferentes outros gêneros

discursivos). Por exemplo, quando se trabalha uma música em uma aula de Língua Portuguesa, é possível de se focalizar tanto os aspectos formais do texto da música, como as marcas de oralidade que existem nesse gênero discursivo, a morfologia e a fonética, as estruturas linguísticas, quanto os aspectos discursivos.

No ensino da Língua Portuguesa, o conteúdo que deve ser trabalhado é gramático (em hipótese alguma a gramática deve ficar fora dos estudos de Língua Portuguesa), leitura e interpretação, escuta de textos (cada tipo de texto, muitas vezes é uma maneira diferente de ler e interpretar) e escrita (hoje, a juventude está imersa na cultura digital e a BNCC contempla essa realidade, já que os jovens podem desenvolver a competência de leitura e escrita em diversas plataformas). Ainda, é possível de se ensinar questões relacionadas ao âmbito discursivo.

No que se refere ao ensino da gramática, a BNCC contextualiza muito a gramática, sendo que aquela gramática trabalhada de maneira tradicional não tem mais espaço, uma vez que seu ensino deve voltar-se às intencionalidades do discurso. Logo, a gramática é ensinada diretamente no texto. Isso porque, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a BNCC propõe que o estudo de Língua Portuguesa tenha um ideal centralizado no texto, ou seja, a língua materializada no texto, e todo texto carrega consigo um discurso que é produzido em um determinado contexto.

Especificamente referindo-se ao gênero discursivo canção como um dos gêneros que podem ser utilizados dentro do campo artístico-literário, volta-se a Bakhtin (2003), para quem a linguagem manifesta-se na forma de enunciados que refletem seus propósitos e as condições específicas das diferentes esferas da atividade humana (familiar, jornalística, artística, profissional) onde são produzidos.

Nessa perspectiva, a canção é um gênero do discurso, de natureza sincrética, secundária, escrita e oral, pertencente à esfera artístico-musical (CARETTA, 2007; PAULA, 2008). Seu sincretismo decorre da sua relação com sua esfera de produção, já que a canção é formada por uma materialidade verbal (letra), e uma materialidade musical formada por melodia, ritmo e harmonia (COSTA, 2003; COELHO DE SOUZA, 2009).

Em muitos casos, esse gênero possui forte relação com a linguagem cotidiana, já que o

caráter de oralidade inerente à canção é resultado das influências dos gêneros prosaicos no seu processo constitutivo, visto que esse gênero

artístico-musical encontra em outros gêneros, principalmente da comunicação cotidiana, a sua matéria-prima (CARETTA, 2009, p. 4).

Entretanto, é importante ressaltar que, embora a canção incorpore principalmente gêneros prosaicos (como a carta, o diálogo), há também gêneros poéticos (como o poema), que são apropriados e reelaborados nas letras de canção. É importante lembrar que, sob a perspectiva dialógica de Bakhtin, toda canção responde a outras já produzidas e espera a resposta das que ainda serão compostas, pois, conforme Bakhtin (2006, p. 91), “toda enunciação [...] é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala”.

Focalizando o aspecto verbal do gênero canção, este é um texto que apresenta, em sua materialidade, aspectos ricos para o trabalho com a Língua Portuguesa, na medida em que se poderá trabalhar desde a gramaticalidade desse texto até o seu discurso, considerando-se que o signo, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, não é somente linguístico, mas ideológico.

Diante disso, no próximo capítulo, a intenção é analisar uma canção, buscando-se evidenciar aspectos formais e discursivos, numa expectativa de demonstrar como tal gênero pode ser de uso produtivo no ensino de Língua Portuguesa, dada a orientação da BNCC para o campo artístico-literário.

## **CAPÍTULO III**

### **3 ANÁLISE DO GÊNERO CANÇÃO: ASPECTOS DISCURSIVOS E FORMAIS**

Neste capítulo, será apresentada a análise da canção Pais e Filhos, de autoria de Dado Villa Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá, que foi interpretada pela banda Legião Urbana e divulgada no álbum As quatro estações, lançado no ano de 1989.

A música foi dedicada a uma amiga de Renato Russo que se jogou do 5º andar de um prédio em Brasília após ter brigado com os pais. Renato Russo sempre dizia que ficava muito triste quando cantava essa música. Por isso não a cantava muito em Shows. A música aborda ideias como a do relacionamento entre os pais e os filhos em um blues muito bem elaborado. Outras ideias são abortadas na música como o nome de santo que se refere ao filho dele, Giuliano, que mora em Brasília com seus avós (Pais de Renato). O refrão é copiado de um livro chinês que eles acharam no quarto do hotel em que se hospedaram na Europa. Aquela celebre frase "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã..." e "sou uma gota d'água..." na verdade não são autoria de Renato, foram retiradas desse livro. No LP as quatro estações há um depoimento de Dado Villa-Lobos que conta o fato do livro.

Para o alcance do objetivo, a canção será analisada recortando-se os versos e as estrofes, buscando-se levantar os aspectos discursivos, mas também formais da língua passíveis de serem utilizados em uma aula de Língua Portuguesa, na perspectiva de “[...] promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los” (BRASIL, 2021, p. 158). A seguir, a canção Pais e Filhos:

Pais E Filhos

Renato Russo

Estátuas e cofres e paredes pintadas  
Ninguém sabe o que aconteceu  
Ela se jogou da janela do quinto andar  
Nada é fácil de entender  
Dorme agora  
É só o vento lá fora

Quero colo! Vou fugir de casa  
Posso dormir aqui com vocês?  
Estou com medo, tive um pesadelo  
Só vou voltar depois das três

Meu filho vai ter nome de santo  
Quero o nome mais bonito  
É preciso amar as pessoas

Como se não houvesse amanhã  
 Porque se você parar pra pensar  
 Na verdade não há

Me diz, por que que o céu é azul?  
 Explica a grande fúria do mundo  
 São meus filhos  
 Que tomam conta de mim  
 Eu moro com a minha mãe  
 Mas meu pai vem me visitar  
 Eu moro na rua, não tenho ninguém  
 Eu moro em qualquer lugar

Já morei em tanta casa  
 Que nem me lembro mais  
 Eu moro com os meus pais  
 É preciso amar as pessoas  
 Como se não houvesse amanhã  
 Porque se você parar pra pensar  
 Na verdade, não há

Sou uma gota d'água  
 Sou um grão de areia  
 Você me diz que seus pais não te entendem  
 Mas você não entende seus pais  
 Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo  
 São crianças como você  
 O que você vai ser  
 Quando você crescer.

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22488/>

No primeiro verso, “Estátuas e cofres e paredes pintadas/ Ninguém sabe o que aconteceu/ Ela se jogou da janela do quinto andar/ Nada é fácil de entender”, tem-se a figura de uma menina/pessoa que cometeu um suicídio. O enunciador usa os termos “estátuas e cofres” para mostrar que era um local privilegiado. Ou seja, era uma pessoa da classe econômica favorecida.

Em “Dorme agora/ É só o vento lá fora”, há a expressão da relação entre pais e filhos, são frases bastante usadas por pais para acalantar os filhos.

No trecho “Quero colo! Vou fugir de casa/ Posso dormir aqui com vocês?/ Estou com medo, tive um pesadelo/ Só vou voltar depois das três”, é demonstrado um certo paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que há a expressão de uma certa carência de pais, em “Quero colo/ Posso dormir aqui com vocês?/ Estou com medo, tive um pesadelo”, há também a demonstração de uma fase em que o sujeito deseja se libertar dos pais, em tom, inclusive, de rebeldia, em “Vou fugir de casa/ Só vou voltar depois das três”.

As frases “Meu filho vai ter nome de santo/ Quero o nome mais bonito” remetem ao desejo que os pais têm de escolher o melhor e mais bonito nome para os filhos. Por exemplo: um nome bíblico, que é muito usado.

O verso “É preciso amar as pessoas/ Como se não houvesse amanhã/ Porque se você parar pra pensar/ Na verdade não há”, reflete a mensagem central da música. O enredo reflete como deve ser a relação entre pais e filhos, que precisam ser cômnicos de que devem se amar mutuamente hoje, pois amanhã tudo pode mudar, como no caso desta canção, com suicidou suicídio da menina.

Renato Russo, em “Me diz, por que que o céu é azul?/ Explica a grande fúria do mundo”, continua trazendo as frases ditas pelos filhos para os pais, aquelas perguntas para as quais os pais têm respostas curtas.

No Trecho “São meus filhos/ Que tomam conta de mim/ Eu moro com a minha mãe/ Mas meu pai vem me visitar”, há duas interpretações cabíveis: pais mais velhos que vivem pelos cuidados dos filhos ou crianças que movem a existência dos pais, além de representar a realidade de filhos com pais separados.

Em “Eu moro na rua, não tenho ninguém/ Eu moro em qualquer lugar/ Já morei em tanta casa/ Que nem me lembro mais/ Eu moro com os meus pais”, há uma quebra de expectativa, a pessoa está totalmente fora do eixo “pais e filhos”, não tem um elo familiar, é uma pessoa solitária. Aqui enfatiza tanto a falta quanto a importância dessa relação entre pais e filhos, o fundamento que os pais têm na vida dos filhos e os filhos na vida dos pais.

Em “Sou uma gota d'água/ Sou um grão de areia/ Você me diz que seus pais não te entendem/ Mas você não entende seus pais”, fica expressivo o reconhecimento da posição existencial do ser diante do mundo, mas também a falta de compreensão mútua entre pais e filhos.

Já em “Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo/ São crianças como você/ O que você vai ser/ Quando você crescer”, o autor pretende demonstrar que pais e filhos estão em mesma condição, só que em épocas diferentes.

Em suma, retomando a teoria bakhtiniana, tem-se que a canção é um enunciado, quando as palavras são escolhidas para gerar os sentidos. Desse modo, fica evidente que o propósito do texto é de chamar a atenção do interlocutor para questões sobre os conflitos e modelos familiares. Toda a letra da canção gira em torno de questões familiares, começando pelo título “Pais e Filhos”, assegurando que as temáticas se relacionem ao universo familiar. Nesse sentido, confirma-se o que

Bakhtin (2003) registra sobre o fato de a língua só ganhar sentido quando do uso nas comunicações sociais. As palavras aqui ganham sentido no enunciado, na própria cadeia de comunicação discursiva. As palavras em si mesmas são neutras, mas, quando escolhidas e aplicadas no contexto da canção, vão refletindo o tema almejado pelo enunciador.

O primeiro tema que se pode compreender gira em torno do suicídio. Esse sentido é possível de ser recuperado no momento em que o enunciador diz “se jogou”, não sendo apenas uma situação de morte, e sim de suicídio: no caso alguém que quis morrer no ambiente de sua própria casa. As palavras “estátuas”, “cofres”, “paredes pintadas” indicam que se trata de um ambiente de convivência familiar. Outro fato que deve ser percebido é que, pelas figuras citadas, essa pessoa tem um certo poder aquisitivo.

Além do tema que envolve o suicídio, há também o que envolve o divórcio, trazendo um diferente modo no tratamento entre os pais e filhos, ou seja, filhos que moram com as mães e recebem a visita dos pais. Outra temática levantada é a do abandono, crianças que vivem na rua ou em qualquer outro lugar que não seja a casa dos pais.

O fio condutor de todo o tema da canção e que não deve passar despercebido é a da necessidade do amor entre as pessoas, principalmente entre pais e filhos. O amor retratado na letra é aquele amor urgente, que não se deve deixar para amanhã, tanto que ele é repetido no refrão da canção por duas vezes. A canção relata justamente os sentimentos que envolvem pais e filhos, trazendo em ênfase a carência e fragilidade dos filhos. Trata também da velhice dos pais, que devem ser cuidados pelos filhos. Relacionando com a temática do amor, da afetividade, está bem claro a urgência de se viver intensamente cada dia, viver o presente, uma vez que o futuro não existe e talvez você não tenha mais seus pais e/ou seus filhos para transmitir esse amor.

Por fim, a letra segue uma questão linear, tratando fatos que vão desde o nascimento (quando os pais escolhem o nome dos filhos) à velhice (quando alguns pais precisam dos cuidados dos filhos). Esse percurso é tratado pelo enunciador como algo que acontecerá amanhã: “O que você vai ser quando você quando você crescer”.

Ante isso, percebe-se, além da presença do interdiscurso, quando há a relação entre o discurso do amor, do existencialismo, da morte, da família, da velhice, da condição social, do abandono, há também a polifonia, vozes dos pais, dos filhos e do

próprio enunciador, da própria pessoa que cometeu o suicídio, numa mistura. Essa percepção necessita de leitura crítica, o que, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2021), é o que se deve desenvolver no estudante.

Também é possível de se perceber o que a teoria bakhtiniana aponta como sendo o enunciado um elo na cadeia discursiva, onde cada enunciado retoma outros já ditos, como, por exemplo, quando a letra da canção retoma frases que são frequentes de serem ditas pelos pais, como “Dorme agora/ É só o vento lá fora”, e são base para outros muitos enunciados vindos após este da canção.

No que se refere ao tripé constitutivo do gênero discursivo - tema, estilo, construção composicional -, é a canção um gênero didático para ensinar ao estudante a teoria sobre gênero discursivo. No caso em discussão, o tema é retratado logo pelo título, mas também ao longo do texto, demonstrando o que Caretta (2009, p. 4) apontou quanto à relação do gênero canção com a linguagem cotidiana, já que o

caráter de oralidade inerente à canção é resultado das influências dos gêneros prosaicos no seu processo constitutivo, visto que esse gênero artístico-musical encontra em outros gêneros, principalmente da comunicação cotidiana, a sua matéria-prima.

Nesse sentido, é o estilo que se refere ao uso da linguagem apropriada para gerar os sentidos e efeitos de sentidos necessários. Nesse ponto, é possível de se trabalhar a gramaticalidade do texto, como os tempos e modos verbais, as vozes do verbo, o uso dos porquês e dos operadores argumentativos, a linguagem formal e informal etc.

E, no que tange à construção composicional, o texto segue o padrão “relativamente estável” de composição musical, organizada em versos, estrofes e rimas.

Muitos outros aspectos poderiam ser levantados como possíveis de serem trabalhados na disciplina de Língua Portuguesa, todavia, o que se pretendeu demonstrar aqui é o quanto o uso do gênero discursivo canção é apropriado para se trabalhar tanto o desenvolvimento linguístico, de leitura crítica, quanto de formação humana, além de a canção ser algo presente na vida cotidiana de todo ser humano, desde o nascimento e algo que mexe com os sentimentos, emoções e mente do ser humano. Além disso, demonstra as condições de produção de um tempo histórico e social, o lugar de fala do compositor e do intérprete etc. Por fim, para se valer das

palavras de Cobalchini e Dias (*apud* CABRAL; CAVALCANTE; MALDANER, 2020, p. 61), a importância de se trabalhar o gênero canção está em que,

[...] Para os jovens a música [a canção], é um elemento indispensável, tornando-se meio de comunicação fundamental. Ela acompanha várias situações como: as festas e comemorações ou encontros com os amigos. Em casa, preferencialmente no quarto, a música desempenha um papel importante e os aparelhos de transmissão tornam-se utensílios vitais. Graças a aparelhos modernos, a música os acompanha no ônibus, nas ruas, nos pátios das escolas ou durante as caminhadas. Fora da escola, a oferta musical é assimilada desde o nascimento até a idade escolar, incluindo aqui a participação em concertos, shows, festas e igrejas. Embora não se tenha o hábito de refletir sobre essa vivência, é extraordinário o potencial de uma aprendizagem musical efetiva que aí, reside, seja no desenvolvimento das preferências musicais ou na formação de determinados hábitos e comportamentos auditivos [...].

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já dito o objetivo deste trabalho foi de apresentar a canção sob a ótica dos gêneros discursivos, como um importante instrumento para o ensino da Língua Portuguesa como pressupõe a BNCC.

Ao longo do trabalho foram discutidas as teorias sobre gênero discurso, na perspectiva bakhtiniana.

Também se abordou o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), focalizando o ensino fundamental nos anos finais, concentrando a discussão voltada para o campo artístico-literário, onde se inclui o gênero discursivo canção.

Conclui-se que o trabalho com o gênero discursivo canção, é importante na medida em que ele faz parte da vida cotidiana dos estudantes que estão nesta faixa etária educacional, também porque a BNCC coloca que o uso do gênero discursivo canção é apropriado para se trabalhar tanto o desenvolvimento linguístico, quanto a leitura crítica, referente a formação humana.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. da S.; DOURADO, L. F. BNCC e formação de professores: concepções, tensões, atores e estratégias. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.22420/rde.v13i25.990>>. Acesso: 06 nov. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahund. et.al.9.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. 196 p.

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellert. São Paulo: WMF Martins Fontes; 6ª edição (2 setembro 2011).

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: \_\_\_\_\_. Estética da Criação Verbal. Trad: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013. 120 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BRASIL, **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**, Disponível em: < [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf) >. Acesso em: 2021.

CABRAL, Danilo Marcus Barros; CAVALCANTE, Rivadávia Porto; MALDANER, Jair José. Canção popular brasileira como instrumento de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Médio Integrado. **Rev. Sítio Novo**, Palmas, v. 4, n. 3, p. 52-67, jul./set. 2020. Disponível em: < [Canção popular brasileira como instrumento de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Médio Integrado | Barros Cabral | Revista Sítio Novo \(iftto.edu.br\)](http://iftto.edu.br/revista-sitio-novo/2020/07/03/cancao-popular-brasileira-como-instrumento-de-ensino-aprendizagem-de-lingua-portuguesa-no-ensino-medio-integrado-barros-cabral) >. Acesso em: 2021.

COELHO DE SOUZA, José Peixoto. Canção Brasileira: proposta de material didático para um curso de Português como Língua Adicional. 2009. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

COSTA, N.B. Canção popular e o ensino da língua materna. **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão, v. 4, julho/dezembro de 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

Guerra Junior, Antonio Lemes. **A construção da cena enunciativa: um exame da debreagem na publicidade.** Estudos Semióticos. [on-line] disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> i. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 1, São Paulo, junho de 2011, p. 97–105. Acesso em “14/maio/2021”

PAULA, Luciane de. **A imagem do som da canção brasileira contemporânea: uma produção artística e industrial.** In: Congresso Nacional de Linguagens em Interação, 2, 2008, Maringá. Anais... Maringá: Clichetec, 2008. p. 1766-1774.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação.** In: BRITO, K. S.; GAYDECZKA, B.; KARWOSKI, A. M. Gêneros textuais. Reflexões e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.